MEMORIAL EM HONRA ÀS GRANDES PERSONALIDADES DA ÁFRICA E SEUS DESCENDENTES

Descrição curta

Em acordo com a Lei nº 10.639 que alterou as Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9.394/96) que tornou obrigatório a inclusão no currículo escolar oficial a temática "História e Cultura Afro-Brasileira".Assim como a decisão dez anos depois, na Assembleia Geral da ONU, por meio de sua Resolução n. 68/237, de 23 de dezembro de 2013, proclamar a Década Internacional de Afrodescendentes, com início em 1º de janeiro de 2015 e fim em 31 de dezembro de 2024, com o tema: "Afrodescendentes: reconhecimento, justiça e desenvolvimento". Apresentamos uma proposta de intervenção que atenda ambos os marcos legais.

Nossa proposta visa apresentar semanalmente aos estudantes, professores e outros frequentadores da EMEF Pe. Leonel Franca personalidades oriundas da África, assim com seus descendentes espalhados pelo mundo, de notável saber e reconhecimento histórico. A principal intenção é desmistificar o senso comum, equivocado e preconceituoso que produz no imaginário a impressão de que a África só existe pobreza, miséria e epidemias.

Para alcançar tal objetivo, criar-se-á um espaço no formato de memorial para inclusão de conteúdos informativos sobre a biografia, feitos e obras de personalidades africanas e afrodescendentes. Essa estratégia, além de disseminar dados históricos e científicos sobre a contribuição da África para a História da humanidade, também reconhece o desenvolvimento econômico e tecnológico das diferentes regiões, promovendo uma reflexão descentralizada sobre o continente.

A primeira forma de reconhecimento dessa complexa região é a adoção de seus símbolos como referencial na criação do espaço. Como se trata de um continente extremamente grande, com etnias e costumes adversos, clima e diversidades sócio-culturais inexistente em outras partes do mundo, o referencial da União Africana (UA) será nossa fonte principal de inspiração simbólica, dentre quais as cores associadas a sua identidade visual: Amarela, verde e vermelha. As cores e os símbolos serão usados para criar um tipo de fundo/estampa na parede onde ficaram os informes.

No que concerne à lista de personalidades, pensamos inicialmente em considerar 96 nomes, considerando que ficaram no memorial dois por semana, sendo um espaço reservado para nascidos e com nacionalidade africana e outro para os afrodescendentes

disperso no mundo. Garantindo assim, em última hipótese que se ao menos se tenha uma margem para apresentar ao menos duas personalidade para todas as semanas do ano (48).

Um lista prévia de personalidades pode ser a seguinte:

- Yasuke;
- Cleópatra;
- Luis Gama;
- Carolina Maria de Jesus;
- Nilo Peçanha;
- Mandume Ya Ndemufayo;
- Papa Vítor I (189 a 199), Papa Melquíades (310/311 a 314), Papa Gelásio I (492 a 496);
- Fred Mercury;
- Ernesto Carneiro Ribeiro;
- Rainha de Sala,
- Entre outros

Projeção:

- O fundo da parede receberá uma das duas opções de preparo:

Ilustração 1: A parte superior da imagem apresenta as cores da União Africana, enquanto a parte inferior o "Punho cerrado", símbolo de resistência usado inicialmente por adeptos e defensores da própria União Africana.

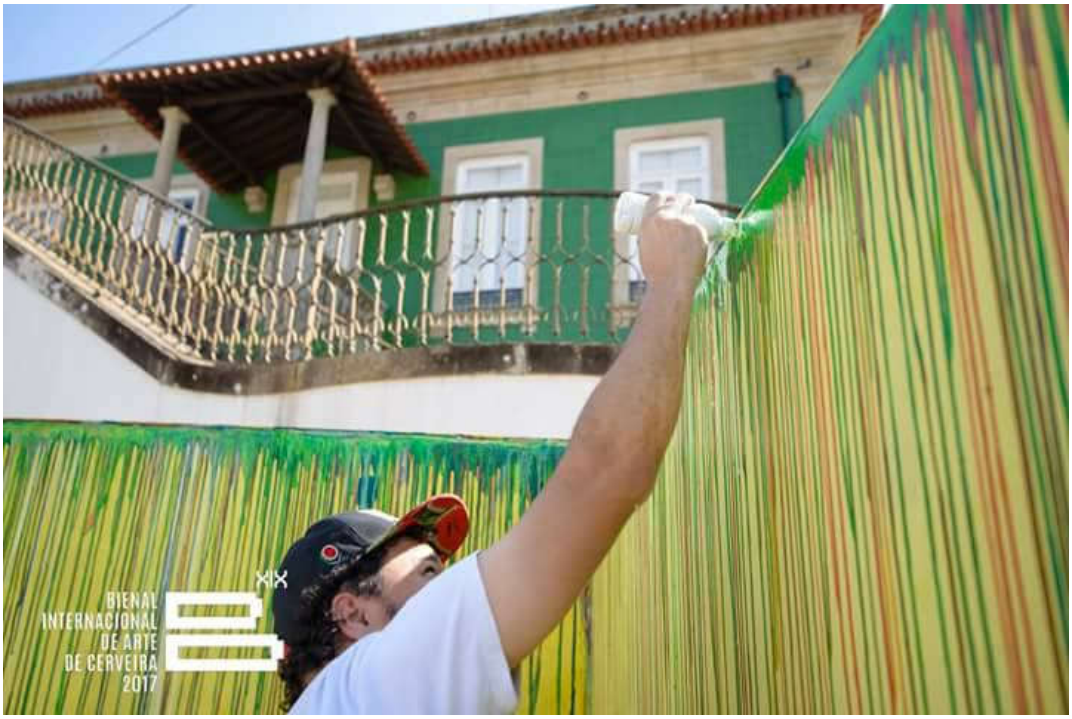


Ilustração 2: A cor de fundo pode ser mais clara e ainda assim não perder o sentido.

- Os espaços para receber os informes, ficaram parecidos com a seguinte imagem:

Ilustração 3: Nota-se que na imagem os espaços estão sem o acabamento adequado.

- Os informes estarão configurados de maneira similar dos seguintes exemplos:

Biografia

Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba

Njinga a Mbande (1581 - 1663), rainha do Ndongo e do Matamba, marcou a história de Angola do século XVII. Os projectos mercantis europeus, em particular de desenvolvimento do tráfico de escravos na costa da África austral, alteram a paisagem política, social e cultural do reino do Ndongo e de toda a região. Foi neste contexto que Njinga a Mbande cresceu e se impôe como um notável exemplo de governo feminino.

Em 1617, Ngola Mbande Kiluanji, rei do Ndongo, morre. O seu filho, Ngola Mbande, torna-se o novo rei.

Porém, não tem o carisma do seu pai, nem a inteligência da sua irmã Njinga a Mbande. Em 1622, influenciado pelos portugueses, envia Njinga a Mbande como embaixadora a Luanda para negociar a paz com Dom João Correia De Sousa, vice-rei de Portugal. Njinga revela-se então como uma negociadora e uma diplomata fora do comum.

Em 1624, Ngola Mbande morre. Njinga toma posse e torna-se rainha. Impõe-se desde logo como uma soberana de excepção. A sua táctica de guerra e de espionagem, as suas qualidades como diplomata, a sua capacidade para tecer múltipla e estratégicas alianças, e por fim o seu conhecimento das implicações comerciais e religiosas, permitir-lhe-ão opor resistência tenaz aos projectos coloniais portugueses até à sua morte em 1663.

Estátua de Njinga a Mbande em Luanda, República de Angola.
Fotografia de Erik Cleves Kristensen, 2006

A resistência dos reinos africanos face aos Europeus.
Ilustração extraída da História geral de África da UNESCO

A resistência

A resistência do Ndongo, encarnada especialmente por Njinga a Mbande, permitiu abrandar os projectos portugueses. Aquela mulher de poder apoiou-se não apenas na sua arte da guerra e da guerrilha, nas tácticas de espionagem, mas também nas suas grandes competências de negociadora.

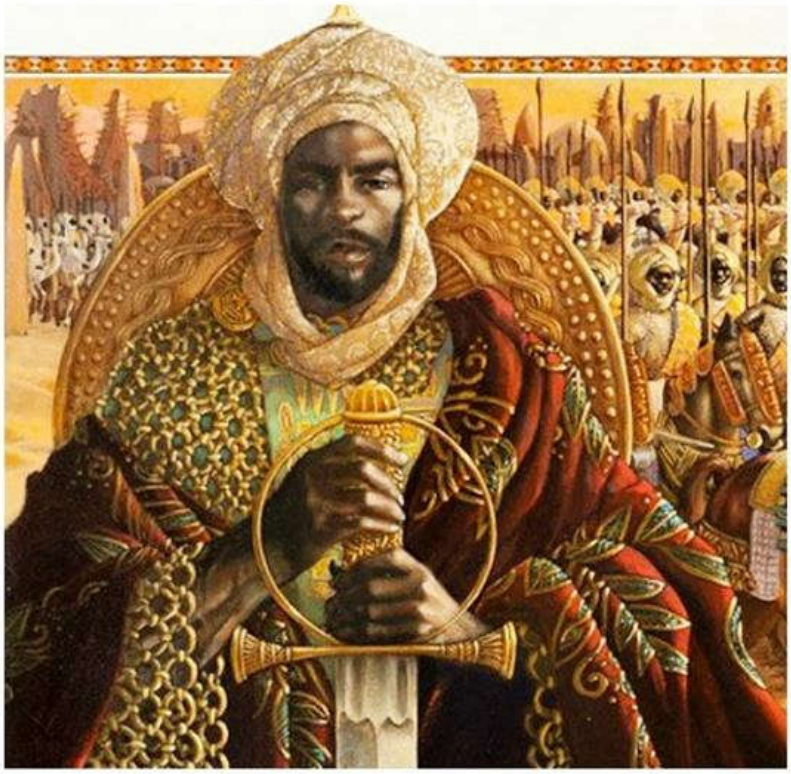
Enviada como embaixadora a Luanda pelo seu irmão Ngola Mbande em 1622, Njinga consegue negociar a paz com o governador português. Depois da morte do irmão, Njinga toma o poder e opõe uma resistência feroz aos Portugueses até à morte em 1663.

Apesar das inúmeras tentativas para a capturar, Njinga consegue frustrar todos os complots. Depois da sua morte, a ocupação portuguesa acentua-se para o interior do continente com o objectivo de alimentar os balcões de recrutamento de tráfico de escravos. 7000 soldados do exército de Njinga serão enviados para o Brasil como escravos.

Ilustração 4: Folheto sobre a Rainha Nzinga. (extraído do Njinga, a Mbande, 2013)

O mais rico de todos os tempos, segundo a Revista *Times*:

Mansa Musa (1280-1337)



Wikimedia Commons

- **Local:** Império Mali
- **Fortuna:** US$ 400 bilhões

O hajj, a peregrinação obrigatória para Meca, é visto como um momento de humildade, no qual as pessoas têm que usar vestes simples de algodão. Não para o homem mais rico da História, monarca do maior produtor de ouro do mundo. Musa partiu com uma comitiva de 60 mil pessoas, cada uma carregando 1,8 quilo de ouro, mais 80 camelos com até 126 quilos. Doando aos pobres e às mesquitas no caminho, jamais seria esquecido.

Ilustração 5: Folheto sobre Mansa Musa I.

TEXTO
MARIANA ASSIS, VIRAJOVEM DO RIO DE JANEIRO (RJ)

ILUSTRAÇÃO
FLORA POUGY GUAZZELLI

MARIA FIRMINA DOS REIS: A PRIMEIRA ROMANCISTA BRASILEIRA

"ÚRSULA" FOI O PRIMEIRO LIVRO NACIONAL CONTADO PELO PONTO DE VISTA DE PESSOAS EM REGIME DE ESCRAVIDÃO

Não poderia haver uma tradução mais ilustrativa para a invisibilização da intelectualidade da mulher negra do que a história da escritora Maria Firmina dos Reis. Considerada a primeira romancista abolicionista do Brasil, Firmina teve uma trajetória marcada pelo pioneirismo enquanto escritora do gênero feminino – como precursora da literatura abolicionista e também como fundadora da literatura afro-brasileira. Estudos recentes apontam para o lugar singular que Maria Firmina ocupa em nossa história e cultura, uma vez que transgrediu barreiras sociais, raciais e de gênero e fez da escrita um instrumento de crítica à escravidão. Mas, afinal, quem foi essa mulher revolucionária?

São Luís do Maranhão, 11 de março de 1822. Preta, filha ilegítima de pai negro e mãe branca, Maria Firmina dos Reis era proveniente de uma família de posses modestas. Foi a primeira mulher a ser aprovada em um concurso público no Maranhão para professora de ensino primário. Leonor dos Reis, sua mãe, propôs a ela que fosse buscar seu diploma em um palanquim por escravos de uma tia. A sugestão foi recusada categoricamente por Firmina, para quem "negro não é animal para se ir montando nele".

Os laços de proximidade que tinha com pessoas escravizadas, como aponta Nascimento de Morais (importante estudioso da vida da escritora), fez com que Firmina desenvolvesse empatia para com cativos que sofriam com as mazelas da escravidão. Em Úrsula (1859), romance de estreia, as personagens escravizadas refletem sobre si mesmas assim como a respeito das violências a que eram submetidas devido ao sistema escravista que as desumanizavam. **AO RESTITUIR-LHES A HUMANIDADE, FIRMINA MOSTRA QUE HOMENS E MULHERES NEGROS TÊM CONSCIÊNCIA SOBRE AS INJUSTIÇAS DA ESCRAVIDÃO, DAS OPRESSÕES DO MANDO SENHORIAL, DO ESTRANHAMENTO DA TERRA ALHEIA, ENFIM, DE SI E DO MUNDO.**

Dito isso, fica nítida a potência da literatura produzida por Maria Firmina e, quando se leva em conta o contexto da época, o quanto foi ousada e corajosa. Embora a escritora fosse bem conhecida pelos maranhenses,

tenha conseguido publicar seu livro num cenário que era adverso para mulheres e, em se tratando de mulheres negras, mais excludente ainda, Firmina foi apresentada por alguns jornais da época com distanciamento. "(...) porquanto não seja perfeita, revela muito talento na autora, e mostra que se não lhe faltar animação poderá produzir trabalho de maior mérito", ponderou o *Jornal do Comércio*. Firmina publicou também o romance indianista Gupeva (1861), o conto abolicionista A Escrava (1887) e diversos poemas.

Ilustração 6: Folheto sobe Maria Firmina dos Reis (extraído da Revista Viração , ano 16, ed. 114).

Junto ao mural pode-se incluir alguns itens associado à Década Internacional de Afrodescendentes, como por exemplo, o logo:

Ilustração 7: Há normas especificas sobre a aplicação do logo em documento disponível no sítio eletrônico: http://decada-afro-onu.org que só será aplicado após o atendimento pleno das recomendações.

Referências:

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana*. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf Acesso em 13 abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Proposta preliminar. Terceira versão revista. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/ Acesso em 13 abr. 2018.

Webgrafia:

UNESCO. *Representações da UNECO no Brasil*: Década Internacional de Afrodescendentes. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/about-this-office/prizes-and-celebrations/2015-2024-international-decade-for-people-of-african-descent/ Acesso em 05 mai. 2019.

ONU- Brasil. *Vidas Negras*: pelo fim da violência contra a juventude negra no Brasil. (2017) Disponível em: https://vidasnegras.nacoesunidas.org/ Acesso em 08 mai. 2019.

UNIÂO AFRICANA. Disponível em: https://au.int/ Acesso em 20 mai. 2019.